



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS**

KÁSSIA DE SOUSA FREIRE

**ENTRE O ENSINO DE GRAMÁTICA E A PRÁXIS LINGUÍSTICA:
DESCONTINUIDADES E CONTINUIDADES NAS CONVENÇÕES DE
ENSINO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

GUARABIRA

2019

KÁSSIA DE SOUSA FREIRE

**ENTRE O ENSINO DE GRAMÁTICA E A PRÁXIS LINGUÍSTICA:
DESCONTINUIDADES E CONTINUIDADES NAS CONVENÇÕES DE
ENSINO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao
Departamento do Curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Ciências
Humanas.

Orientadora: Prof. Dra. Edilma de Lucena Catanduba

GUARABIRA

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F866e Freire, Kassia de Sousa.

Entre o ensino de gramática e a práxis linguística [manuscrito] : descontinuidades e continuidades nas convenções de ensino em língua portuguesa e suas representações sociais / Kassia de Sousa Freire. - 2019.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.

"Orientação : Profa. Dra. Edilma de Lucena Catanduba ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Ensino de gramática . 2. Práticas de ensino. 3.
Linguística. I. Título

21. ed. CDD 415

KÁSSIA DE SOUSA FREIRE

**ENTRE O ENSINO DE GRAMÁTICA E A PRÁXIS LINGUÍSTICA:
DESCONTINUIDADES E CONTINUIDADES NAS CONVENÇÕES DE ENSINO EM
LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao departamento do Curso de Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Letras.

Aprovada em: 29/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

Edilma de Lucena Catanduba
Prof. Dra. Edilma de Lucena Catanduba (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Paulo Aldemir Delfino Lopes
Prof. Me. Paulo Aldemir Delfino Lopes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Eneida O. Oliveira D. Carvalho
Prof. Dra. Eneida Oliveira D. Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, o autor da sabedoria e do conhecimento pelo dom da vida, por me guiar, iluminar e me dar forças para suportar todas às intempéries da vida acadêmica.

À minha orientadora, prof.^a Dra. Edilma de Lucena Catanduba, pela disponibilidade, inspiração, paciência, profissionalismo e, acima de tudo, ter apostado que eu conseguiria.

Ao meu avô, Manoel Adalberto (*in memoriam*) que investiu toda sua vida para que eu pudesse chegar até aqui.

Aos meus familiares, pelo amor, afeto, compreensão e dedicação, principalmente em momentos de cansaço, enfermidade e aflição.

*À minha mãe, pela dedicação,
paciência, companheirismo e força.
DEDICO.*

*“Entre coisas e palavras –
principalmente entre palavras –
circulamos.”*
(Carlos Drummond de Andrade)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	12
3	IDEAÇÕES SOBRE O ENSINO DA LINGUÍSTICA, GRAMÁTICA E APRENDIZAGEM ATIVA	16
3.1	Linguística e o engajamento com a educação.....	20
4	CONCLUSÃO	21
	REFERÊNCIAS	22

ENTRE O ENSINO DE GRAMÁTICA E A PRÁXIS LINGUÍSTICA: DESCONTINUIDADES E CONTINUIDADES NAS CONVEÇÕES DE ENSINO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Kássia de Sousa*

RESUMO

O presente trabalho pretendeu investigar o ensino de gramática e a práxis linguística no Ensino Fundamental II, analisando sob a ótica das (des)continuidades nas práticas de ensino de língua portuguesa e suas representações sociais, tentando promover uma reverberação sobre a gramática normativa e os conteúdos obrigatórios da grade curricular de Língua Portuguesa que começa nos anos iniciais da educação básica e perdura a *posteriori*. E o que pensam e o que fazem os professores diante desse cenário investigativo? É notório que este conteúdo vem sendo passado de maneira mecanizada. Nesse sentido, o ponto fundamental a ser discutido é saber quais são as causas que levam o ensino de Língua Portuguesa ao fracasso. Gramática Prescritiva, expressão que de imediato já engloba um espectro de atitudes e métodos encontrados no período de estudos anterior ao advento da linguística. A razão de se pesquisar sobre ensino de gramática: teoria e prática se justificam por vários motivos. Em primeiro lugar, a despeito de poder examinar quais temas geradores vêm sendo abordados a partir da representação da escrita como objeto social que possibilita a interação entre as pessoas e, de certa forma, como isso se torna subtendido através da concepção de linguagem como meio dessa interação. Tendo como pano de fundo alguns autores como Bakhtin (2011), revelando que a interação humana se institui por meio do viés da linguagem, com sujeitos partícipes de diálogos. Moscovici (2012) que visa que à representação social construída pelos alunos é primordial para o processo de aprendizagem. Monteiro (2002), que se encarrega de tratar a estrutura e os processos de flexão e formação de palavras. Dionísio & Bezerra (2005), que trazem duas tendências no tratamento das classes gramaticais em livros didáticos, dentre outros. É difícil até generalizar sobre uma variedade tão ampla de abordagens, porém é preciso compreender a maneira que passam o ensino da gramática não pode ser restrito apenas à modalidade escrita, visto que as sociedades são múltiplas e se interagem em vários modos semiológicos. Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica em fontes primárias com consultas de livros na área de língua portuguesa (que tratem da temática). Bem como, em fontes secundárias (artigos, periódicos, revistas, publicações especializadas), dentre outros.

Palavras-chave: Ensino de gramática. Práticas de ensino. Linguística.

BETWEEN GRAMMAR TEACHING AND LANGUAGE PRACTICE:

* Acadêmica do curso de Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: kassiasousa@hotmail.com.

DISCONTINUITIES AND CONTINUITIES IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING CONVENTIONS AND ITS SOCIAL REPRESENTATIONS

ABSTRACT

This paper aims to investigate grammar teaching and linguistic praxis in Elementary School II, analyzing from the perspective of (dis) continuities in Portuguese language teaching practices and their social representations, trying to promote a reverberation on normative grammar and its contents. Portuguese language curriculum starting in the early years of basic education and continuing a posteriori. And what do teachers think and do in the face of this investigative scenario? It is notorious that this content has been passed in a mechanized manner. In this sense, the fundamental point to be discussed is to know what are the causes that lead the Portuguese language teaching to failure. Prescriptive Grammar, an expression that immediately encompasses a spectrum of attitudes and methods found in the period of study prior to the advent of linguistics. The reason for researching grammar teaching: theory and practice is justified for several reasons. First, despite being able to examine which generative themes have been approached from the representation of writing as a social object that enables interaction between people and, in a way, how it becomes subtended through the conception of language as a means of this. Interaction. Having as background some authors such as Bakhtin (2011), revealing that human interaction is instituted through the bias of language, with subjects participating in dialogues. Moscovici (2012) which aims that the social representation built by the students is paramount to the learning process. Monteiro (2002), who deals with the structure and processes of bending and word formation. Dionísio & Bezerra (2005), who bring two trends in the treatment of grammar classes in textbooks, among others. It is difficult even to generalize about such a wide variety of approaches, but it is necessary to understand the way grammar teaching cannot be restricted to writing alone, since societies are multiple and interact in various semiological modes. This work is a bibliographic review in primary sources with consultations of books in the Portuguese language area (dealing with the theme). As well as in secondary sources (articles, journals, magazines, specialized publications), among others.

Keywords: Grammar teaching. Teaching practices. Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa a que nos propomos intenta mostrar como o estudo sobre a linguagem reflete, refrata e problematiza o ensino de classes de palavras nas aulas de língua portuguesa com alvo na representação social. Trazer à baila quais construções sociocognitivas os professores estão perfazendo em compatibilidade a este ensino é de suma importância para entender as concepções de linguagens que estão subjacentes às representações.

As práticas docentes viabilizam as trocas de saberes que são materializadas na sala de aula, as atividades de leitura e produção de textos vivenciados pelos alunos ajudam a entender como os livros didáticos e gramáticas tradicionais repetem o conceito de cada classe de palavra, na forma prescritiva. A ideia é que a aproximação desses processos pode contribuir para a compreensão na hora de utilizar as classes de palavras.

Considerando estes aspectos, percebemos a relevância em realizar uma pesquisa referente às ressignificações da prática docente e as representações sociais da escrita dos alunos do ensino fundamental II através das estratégias de leitura e produção de texto, pois, de acordo com Alves-Mazzotti, possibilitamos “compreender os mecanismos sociocognitivos de atribuição de sentido e de integração da novidade em um repertório preexistente” (2003, p. 41).

Contudo, a permissividade de ressignificação da prática docente não se dá pelo meio de uma ‘transferência’ de conhecimentos advindos deles, mas circunda um processo de reverberação que leva os professores/as dialogar com os alunos através de conhecimentos já construídos, partindo da prática para retornar a ela. Nesse caso, assimilar as representações sociais da escrita enquanto objeto de ensino admitiu-nos adentrar no universo de indivíduos compromissados pela disseminação da escrita e das classes de palavras.

Saber a significação do que vem a ser o papel da ‘língua portuguesa’ na sociedade letrada em que estamos inseridos requer um olhar desafiador. Pode-se, portanto, a partir daí (re)afirmar que o presente trabalho utiliza os escritos de autores como Bakhtin (2011), revelando que a interação humana se institui por meio do viés da linguagem, com sujeitos partícipes de diálogos. Moscovici (2012) visa que a representação social, construída pelos alunos é primordial para o processo de aprendizagem. Monteiro (2002), que se encarrega de tratar

a estrutura e os processos de flexão e formação de palavras. Dionísio & Bezerra (2005), que trazem duas tendências no tratamento das classes gramaticais em livros didáticos.

O objetivo geral do trabalho é trazer reflexão sobre a gramática normativa e os conteúdos obrigatórios da grade curricular de Língua Portuguesa que começa nos anos iniciais da educação básica e perdura a posteriori. Os específicos são: Analisar as continuidades e descontinuidades do Ensino da Língua Portuguesa; Destacar as ideias sobre o ensino da Linguística, Gramática e Aprendizagem Ativa e, por fim, enfatizar a Linguística e o engajamento com a educação.

Este trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica em fontes primárias com consultas de livros na área de língua portuguesa (que tratem da temática). Bem como, em fontes secundárias (artigos, periódicos, revistas, publicações especializadas), dentre outros.

Uma vez que a situação educativa consiste de processos em movimento permanente, a transformação é o caminho que se pretende chegar e constitui exatamente o escopo desejado, os métodos de pesquisas utilizados é que permitem a junção da compreensão dessas transformações. A metodologia é o ato de caminhar do pensamento e a prática estabelecida na abordagem da realidade educativa e para que se chegue aos objetivos é preciso de pressupostos que sejam desvelados e analisados (MINAYO, 2000).

Em suma, o exercício das práticas pedagógicas vigora sob o esteio de concepções e práticas utilitárias que expõem a escrita, visto que, é uma prática sociocultural fundamental numa sociedade letrada, marcando as relações entre os homens. E, por ser cada vez mais difundida e exigida em nossa sociedade, é importante que as pessoas a dominem e façam seu uso em diferentes meios e situações sociais, de acordo com a finalidade à qual é destinada.

2 CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Nesta seção, será trabalhado o aspecto teórico-metodológico, o que inclui em linhas gerais: algumas reverberações sobre as constatações mais significativas desencadeadas através desta pesquisa e, a partir delas, apontar

algumas reflexões acerca do ensino e da práxis¹ linguística nas convenções de ensino de língua portuguesa e suas representações sociais.

Mas, por que as representações sociais são tão importantes no cotidiano? Moscovici responde a esse questionamento afirmando que “as representações sociais são entidades quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano”; e adicionou que “a maioria das relações sociais efetuadas, objetos produzidos e consumidos, comunicações trocadas estão impregnadas delas” (MOSCOVICI, 2012, p. 39). Jodelet (2001) entende que as representações sociais são fundamentais porque:

Guiam no modo de nomear e de definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar estes aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva (JODELET, 2001, p. 17).

Porém, ao guiar as condutas humanas, percebe-se que essas representações apontam o modo como às pessoas reagem diante de determinadas situações. Em contrapartida, pode-se acrescentar que a teoria das representações sociais coaduna as marcas sociais presentes no cognitivo dos sujeitos e as condições cognitivas do funcionamento ideológico. Um de seus eixos basilares é fazer o sujeito agir sobre o mundo e o outro, devido ao fato de ser idealizada a partir das experiências vividas pelos indivíduos.

Buscando ampliar tais reflexões, é preciso também mostrar, através dessas representações sociais da escrita, as estratégias de leituras e produção de textos e especificar como as atividades devem ser trabalhadas, partindo do pressuposto que a língua escrita e a produção de texto são uma atividade cognitiva e social primordial à interação em sociedade letrada e ensinar aos discentes é obrigação da escola. Por mais simples que se possa parecer, produzir textos requer inúmeras habilidades, e estas não são aprendidas na espontaneidade. Conforme Andrade (2010):

¹ A atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e para poderem alterá-la, transformando-se a si mesma. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática (KONDER, Leandro. O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 115).

A atividade linguística de produção de textos é complexa e envolve um conjunto de ações que são concatenadas no momento da produção textual - o aluno tem a missão de coordená-las concomitantemente: elaborar e desenvolver ideias, realizar relações grafônicas, acordar seus registros às normas ortográficas, gramaticais, registrar a pontuação, além de ajustar essas atividades às finalidades do seu texto (ANDRADE, 2010, p. 18).

Na construção textual, o aluno necessita desenvolver estratégias de escrita que serão impulsionadas a partir das representações sobre a situação de interação e convívio. Contudo, torna-se imprescindível um ensino sistemático, normativo e orientado. Com isso, é essencial e relevante levantar discussões acerca da leitura e ensino de produção de textos em detrimento às concepções teóricas, a fim de ressignificar as estratégias de ensino desenvolvidas nesse âmbito. Contumaz, para Scardamália e Beireter (1987):

A partir da perspectiva do modelo de expressão do conhecimento, o conhecimento é uma coisa que já se tem e que permanece intacto, a escrita é uma questão de transmitir uma seleção desse conhecimento para alguém (SCARDAMÁLIA & BEIRETER, 1987, p. 22).

Por outro lado, os autores corroboram que tais estratégias de escrita evoluem de acordo com o nível de complexidade estabelecida na atividade e também através das experiências de leituras. A maneira como as classes de palavras e grande parte do conteúdo de língua portuguesa estão sendo perpassados aos estudantes de forma muito enraizada em protótipos tradicionais, que acaba levando os alunos a uma mera memorização, sem ter em mente o porquê de estarem aprendendo aquilo.

O estudo de língua portuguesa sempre despertou curiosidade e interesse, principalmente porque durante muitos anos quiseram passar que ensinar gramática escolástica é ensinar a língua materna – e essa ideia vem desde os gregos, perfazendo a idade média, chegando ao Renascimento e, por fim, até os dias hodiernos – todavia, é preciso refazer um percurso mais longo e completo.

E, nesse sentido, a partir de mudanças no ensino de português, oriundas de outros conceitos e reverberações sobre o uso da língua, é que a linguística vem causando profundo efeito acerca de muitas disciplinas e desenvolvendo interfaces com outras abordagens mais inovadoras. Hoje em dia, é comum

fazer distinção entre o ensino da gramática e a práxis linguística – ou ação social – que se materializa através dos textos. Essas continuidades e descontinuidades nas convenções no ensino de língua portuguesa começaram a mudar o olhar não só sobre o ensino, mas principalmente no objeto. Dias (2005), em seus construtos, define, portanto, que:

Há atualmente duas tendências no tratamento das classes gramaticais em livros didáticos. **Alguns livros, de linha mais conservadora, especificam a temática das classes de palavras, mesmo que associada ao estudo de um texto. Outros, de linha inovadora, não especificam os tópicos relativos às classes gramaticais.** Nestes, a gramática só aparece nos exercícios, muitas vezes sem mesmo a informação de que naquele momento uma palavra está sendo abordada em seu aspecto gramatical (DIAS, 2005, p. 127). (grifo nosso).

Dois grandes efeitos que estão coadunados a essas tendências, primeiramente seria o próprio *efeito de evidência de conceito*, que afeta diretamente a *tendência conservadora*. Segundo efeito seria a dificuldade de *apagamento do conceito*, que afeta linearmente a *tendência inovadora*. Essa dicotomia concorre para a definição de um quadro em que os defensores e antagonistas do ensino de gramática na escola ainda não têm clareza acerca daquilo que defendem ou atacam.

Contudo, esses efeitos trazem transformações, decorrentes de um novo padrão de se conceber a língua portuguesa. Enquanto nos padrões da língua como código o ensino e a avaliação estão estritamente direcionados a uma “definição das unidades e elementos; exemplificação e regras de bom uso e exercícios de identificação e aplicação de regras” (SUASSUNA, 2011, p.74), no novo molde de ensino, estudar português é tentar identificar as convenções que são produzidas através da fala, da escrita e das trocas entre os usuários da língua (GERALDI, 2001).

Os livros didáticos e gramáticas tradicionais redizem os conceitos de cada classe, de forma meramente descritiva. A linha tênue entre Gramática Tradicional (padrão engessado) e o Ensino da Linguística é o que o presente artigo intenta mostrar, principalmente acerca da dificuldade dos professores de Ensino Fundamental II. Conforme Perini (1995, p. 314), "classificar as palavras implica elaborar uma classificação sobre critérios formais (sem excluir da descrição a classificação semântica, mas separando-se nitidamente dela)".

Todavia, a forma como está sendo passado o ensino da língua portuguesa é, sem dúvidas, motivo de muitas especulações, visto que muito se tem falado sobre a forma como os alunos são levados à memorização, sem ter noção, às vezes, para que estão aprendendo aquilo. É necessário, para tanto, que os professores e professoras que trabalham com o ensino da Língua tenham objetividade na hora de explicar o assunto e mostrar-lhes a diferença entre uma perspectiva que leva apenas a uma “memorização” e outra perspectiva ligada à atividade ativa, partindo do pressuposto que, de fato, o discente aprende.

Ademais, os autores Luquetti e Moura (2010, p. 159) definem que, “a maior parte dos educadores ainda não concebe a diversidade e a diferença linguística; conseqüentemente, não possui a capacidade de análise para transformar a sua prática pedagógica”. Desse modo, inquietou-me pesquisar sobre como tem acontecido o ensino de Língua Portuguesa, nos anos finais do Ensino Fundamental II, precisamente nas turmas do 9º ano, por ser exatamente nesse período que tende-se a firmar no cotidiano da escola a tradição da disciplina gramatical.

3 IDEAS SOBRE O ENSINO DA LINGUÍSTICA, GRAMÁTICA E APRENDIZAGEM ATIVA

As práticas docentes viabilizam as trocas de saberes que são materializadas na sala de aula, por esta razão, o ensino da Língua Portuguesa deve apresentar um leque de possibilidades sobre as práticas da linguagem. Visto que, para que tais cognições contribuam para o progresso e construção da habilidade discursiva dos alunos para que possam adquirir recursos linguísticos de modo eficiente. Conforme os PCNs,

Ainda que didaticamente seja necessário realizar recortes e descolamentos para melhor compreender o funcionamento da linguagem, é fato que a observação e análise de um aspecto demandam o exercício constante de articulação com os demais aspectos envolvidos no processo. Ao invés de organizar o ensino em unidades formatadas em texto, tópicos de gramática e redação, fechadas em si mesmas de maneira desarticulada, as atividades propostas no ambiente escolar devem considerar as especificidades de cada uma das práticas de linguagem em função da articulação que estabelecem entre si (BRASIL, 1998, p. 36).

No plano da aprendizagem da Língua Portuguesa, é interessante não se prender aos padrões adotados na gramática normativa. É preciso abranger esse ensino de forma prática e objetiva com a realidade do aluno.

O papel do professor à frente do livro apresenta grande importância, de modo que será ele que conduzirá como será utilizado o material. O livro didático pode até ser progressista, renovador, porém, há ainda professores que o utilizam de forma arcaica. Com primazia em aulas expositivas e incongruência entre as práticas da linguagem. Luquetti e Moura (2010, p. 159) argumentam que “a maior parte dos educadores ainda não concebe a diversidade e a diferença linguística; conseqüentemente, não possui a capacidade de análise para transformar a sua prática pedagógica”.

Assim, “O Livro Didático de Português: múltiplos olhares”, as autoras Ângela Paiva Dionísio e Maria Auxiliadora Bezerra (2005) apresentam várias conceituações relevantes no campo e erguem argumentos dicotômicos sobre questões vitais para a aquisição da competência linguística e comunicativa do educando, como é o caso da relação fala/escrita, duas noções que, para as autoras, são importantes para a compreensão da produção de textos, para variação linguística, para seleção de textos, dentre outros aspectos.

No livro “Morfologia Portuguesa”, de José Lemos Monteiro (2002), um dos objetivos apontados na introdução é a busca para desenvolver a competência de reverberação e de uso prático da língua, sem deixar de estruturar os conceitos teóricos. A página 225 do referido livro traz a introdução do estudo das ‘Classes e Funções das Palavras’, e aponta que um dos objetivos é ter preocupação em respeitar a coerência estrutural que o inerente fomento linguístico apresenta.

O livro “*Linguística, gramática e aprendizagem ativa*”, da autora Eloisa Pilati (2017), aborda reverberações sobre o ensino de língua portuguesa em sala, tem como escopo de apontar de que maneira os conhecimentos linguísticos absorvidos podem ser utilizados como substâncias teóricas direcionadoras da prática docente (...), coadunar tais conhecimentos a uma metodologia que vislumbre em impulsionar o processo de aprendizagem ativo dos discentes, Pilati (2017).

Ou seja, é muito importante aprofundar-se nas reflexões acerca do ensino da língua portuguesa para que o professor se direcione à prática e

atividade docente usando de maneira correta o tipo de metodologia que abordará em sala de aula.

Na visão de Humboldt, a aquisição da linguagem é em grande parte uma questão de maturação de uma capacidade linguística inata. A maturação é guiada por fatores internos, por uma forma da língua inata, que se aguça, se diferencia e adquire sua manifestação específica através da experiência. A língua é, pois uma espécie de estrutura latente na mente humana, que se desenvolve e se fixa pela exposição à experiência linguística específica (CHOMSKY, 1970, p.30).

Partindo dessas considerações, não se devem enxergar os discentes nas aulas de língua portuguesa como sujeitos que não sabem usufruir de sua língua materna, quando naturalmente ela foi obtida por causa de um mecanismo mental linguístico inerente. O que os alunos acreditam não ter conhecimento, é sobre as normas e protótipos gramaticais do português que a sociedade se impõe. Na verdade, a “língua” é um suporte teórico na mente humana, que só progride e se apoia pela exposição à experiência linguística particular.

Para elucidar, minuciosamente, as definições criadas por Chomsky de “Faculdade da Linguagem” e “Gramática Universal”, Pilati esclarece:

Há um —órgão ou um módulo específico para a linguagem: a Faculdade da Linguagem. Os mecanismos que compõem a Faculdade da Linguagem são geneticamente determinados e fazem parte, portanto, da dotação biológica dos seres humanos. Por possuírem essa Faculdade da Linguagem, os seres humanos são dotados de uma Gramática Universal, que é o estado inicial de sua língua. Esse estado inicial irá se modificar, devido ao efeito deflagrador e modelador da experiência, bem como devido aos processos de amadurecimento internamente determinados, e irá se estabilizar num determinado momento (PILATI, 2017, P.51).

Conforme Chomsky, as línguas humanas iniciam-se nos princípios e parâmetros. Os princípios são características vigentes em todas as línguas, e os parâmetros, valores peculiares de cada uma, não obstante, variáveis. Segundo Pilati (2017, p.52), “uma língua é o resultado da união de fatores genéticos, uma predisposição característica da espécie, e de fatores, do meio ambiente, ou seja, os dados a que a criança é exposta durante a infância”.

Contudo, a criança consegue assimilar, por meio de pequenas conexões de sua língua, o que é de bom grado e o que não é, de modo padrão. Dessa forma, a criança não faz estruturas linguísticas que não estão interiormente nos

procedimentos que sua língua apresenta, permitindo que o indivíduo não releve esse comportamento seguindo erudições de sua mãe, por exemplo. É uma realização independente da inteligência.

A autora acredita que as aulas de gramática podem surgir de uma metodologia de aprendizagem ativa, fundamentada numa abordagem gerativista. As aulas devem proporcionar a reverberação do que o aluno já decodificou sobre sua língua. Ademais, o papel do professor deve ser guiar os estudantes para a conquista de consciência do sistema linguístico. Nessa ocasião, eles poderão assimilar a língua como um sistema composto por fenômenos e entender como executam-no.

A reverberação gramatical é um mecanismo de suma importância para a ampliação de produções textuais. Pilati corrobora que através dela o gerador de texto irá “expressar suas ideias, organizar argumentações, escolher formas de expressar pensamentos” (2017, p. 93), e sem a aula de gramática “perde-se a oportunidade de apresentar aos alunos a ferramenta crucial para a leitura e produção autônomas e críticas” (2017, p.83).

Todavia, para que tais ações se concretizem é evidente que a definição de gramática e da metodologia sobreposta sejam reformuladas. Quando enxergamos a gramática numa ótica dinâmica e intrínseca ao ser humano, podemos amparar para um progresso de competência de expressão oral e escrita.

O que se deduz, entretanto, em muitas práticas de ensino da gramática, é um treinamento da metalinguagem, através de atividades vinculadas à gramática padronizada ou com preocupação descritiva. Os autores Faraco e Castro (2000) acreditam que:

A crítica básica e fundamental dos linguistas ao ensino tradicional recaiu sobre o caráter excessivamente normativo do trabalho com a linguagem nas escolas brasileiras. Segundo essa crítica, as nossas escolas, além de desconsiderarem a realidade multifacetada da língua, colocou de forma desproporcional a transmissão das regras e conceitos presentes nas gramáticas tradicionais, como o objeto nuclear de estudo, confundindo, em consequência, ensino de língua com o ensino de gramática. Aspectos relevantes do ensino da língua materna, como a leitura e a produção de textos, acabaram sendo deixados de lado (FARACO & CASTRO, 2000, p. 179).

Antunes (2003, p. 15) direciona a crítica ao fato de que, segundo pesquisadores e estudiosos, a Escola não instrui seus alunos para a leitura e compreensão dos diversos gêneros textuais como: manuais, relatórios,

códigos, instruções, poemas, crônicas, resumos, gráficos, tabelas, artigos, editoriais e muitos outros materiais escritos, bem como não os habilita para a produção escrita desses materiais. No que se refere à oralidade, também se percebe fissuras, pois muitos dos alunos não conseguem articular seu pensamento em sala de aula, envolver-se nos debates em que sua opinião crítica é importante para o desempenho, tampouco opinarem sobre assuntos que exijam raciocínio e contestação. De acordo com Pilati:

Para podermos renovar o ensino de língua portuguesa e de gramática, temos de dar ênfase ao estudo de métodos de ensino. Devemos dar sentido às aprendizagens de nossos alunos, usando como ponto de partida seu conhecimento linguístico tácito. Para tanto, é importante que nessas aulas os alunos realizem tarefas ou enfrentem situações que mobilizem os conhecimentos adquiridos, sejam capazes de usar diferentes técnicas e métodos, saibam usar o vocabulário adequado na situação adequada, saibam redigir dentro das normas e construir textos coerentes (PILATI, 2017. p.101).

Contumaz, o docente deve planejar suas aulas do ano escolar sem ter em mente o conhecimento antecipado dos alunos, essa atitude denota que há uma troca de dominação dentro do aprender. Não obstante, os estudantes apenas estão decorando e repetindo padrões intermitentes, sem garantia de aprendizagem. O estudante pode acertar questões impostas sobre o que foi ensinado, mas não há segurança de que ele assimile o porquê daquilo, visto que não há reverberação.

3.1 Linguística e o engajamento com a educação

De certa forma, concordo com Ataliba de Castilho (2003), quando corrobora que a Linguística tem mil e uma utilidades. Na minha concepção, ela serve para que eu corrobore sobre a linguagem, para que eu conheça melhor o universo do homem, uma vez que aquela é constituidora deste. Serve-me para manifestar sobre o que é língua, sobre suas divagações, o que está na retaguarda disso, como eu posso entendê-la. Nas áreas mais progressistas, serve-me para inferir as relações entre discurso e poder no ensino.

4 CONCLUSÃO

Como visto neste trabalho acadêmico, fundamentado em toda a abordagem que trouxe esta revisão bibliográfica, o estudo sobre “O ensino de gramática e a práxis linguística: continuidades e (des)continuidades nas convenções de ensino em língua portuguesa e suas representações sociais” permitiu reverberar sobre o estudo da gramática normativa e os conteúdos obrigatórios da grade curricular de Língua Portuguesa, que começa nos anos iniciais da educação básica e perdura *a posteriori*. E o que pensam e o que fazem os professores diante desse cenário investigativo? É notório que este conteúdo tem sido passado de maneira mecanizada.

Ao discutirmos sobre essa dualidade, foi difícil até generalizar sobre uma variedade tão ampla de abordagens, porém foi preciso compreender que a maneira que os professores passam o ensino da gramática não pode ser restrita apenas à modalidade escrita, visto que as sociedades são múltiplas e se interagem em vários modos semiológicos. Nesse ínterim, foram trazidos outros questionamentos, também em relação como o ensino de língua portuguesa, foi amparado na escrita e como era simplista seu modo de construção.

A modalidade escrita tem conjecturas políticas, pois enaltece a diversidade que é utilizada pela elite a qual usa e quer ver usada. O estilo literário é quase sempre escolhido como protótipo a ser seguido, mas não é a linguagem vigente no cotidiano. O mundo letrado exerce forte influência sobre as pessoas. As sociedades, sempre com habilidade de leitura e domínio dos gêneros da mídia, tornaram-se mais intrincadas, especificamente com a chegada da tecnologia, que fixou maior velocidade na produção, na distribuição e no consumo de gêneros e práticas sociais.

Em suma, um novo procedimento do professor incentivará os alunos a modificarem seu modo de encarar as aulas de Português. De simples espectadores, os discentes passarão a fabricantes do conhecimento, interagindo com o professor na busca dos dispositivos de leitura e produção textual.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda. Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. v. 1.

ANDRADE, R. M. B. L. de. **Revisão de cartas de reclamação**: reflexões sobre as modificações realizadas por crianças. Recife: o autor, 2010. 267p. Arquivo de PDF. Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

ANTUNES, I. **Aula de Português**: encontro e interação. Aula de Português: Encontro & Interação. 2ª Ed., Parábola, 2003.

BEIRETER, C; SCARDAMALIA, M. **The Psychology of written composition**. New Jersey: Laurence Erlbaum, 1987.

BORGES NETO, Antônio. In: XAVIER, Antônio Carlos; CORTEZ, Suzana (Orgs.). **Conversar com linguistas**: virtudes e controvérsias da linguística. São Paulo: Parábola, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. **Readings in English transformational grammar**. Waltham, Massachusetts: Ginn and Company, 1970. p. 184-221.

DIAS, Luis Francisco. O estudo de classes de palavras: problemas e alternativas de abordagem. In: DIONÍSIO, Ângela & BEZERRA, Maria Auxiliadora. In: **O livro Didático de Português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FARACO, Carlos Alberto; CASTRO, Gilberto. Por uma Teoria Linguística que Fundamente o Ensino da Língua Materna. **Educar em revista**. Curitiba, V. 15, p. 179 – 194, 2000.

GERALDI, João W. **Linguagem e ensino**: exercícios de militância e divulgação. São Paulo: Mercado e Letras, 1996.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JODELET, Denise. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2001.

LUQUETTI, Eliana Crispim França; MOURA, Sérgio Arruda de. Políticas linguísticas na escola: a conscientização linguística na formação de

professores. In: **Políticas linguísticas na escola**: a conscientização linguística, 2010. Disponível em <http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/enletrarte/article/view/1762/946>.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes, [1961] 2012.

PILATI, Eloisa. **Linguística, gramática e aprendizagem ativa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

XAVIER, Antônio Carlos; CORTEZ, Suzana (Org.). **Conversas com linguistas**: virtudes e controvérsias da linguística. São Paulo: Parábola, 2003.